

Nesse novo enfoque ficou evidenciado que o papel desempenhado por ele não foi bem aquele que a historiografia consagra. Muitas das medidas que se lhe atribuíram, por exemplo, ficou comprovado, não foram produto de sua iniciativa, mesmo porque não gozava aquele administrador da propalada liberdade de legislar.

Sob essa nova ótica, o nome de Mário Neme provavelmente será lembrado daqui para frente como o do desmistificador do Conde João Maurício de Nassau-Siegen. Aliás, Ernani da Silva Bruno, que faz a apresentação do trabalho em questão, afirma a certa altura "no campo da historiografia, nada é mais saudável que a crítica dos documentos, a incessante revisão das posições antes estabelecidas, a busca de novas interpretações. Desde que feitas com a honestidade e a seriedade que caracterizavam sempre as pesquisas de Mário Neme".

Arlinda Rocha Nogueira.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha, Heloisa Liberalli BELLOTTO & Lucy Maffei HUTTER. Inventário analítico dos manuscritos da Coleção Lamego. São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1983, 2 vols.

Acompanhando de perto a elaboração do longo e exaustivo inventário analítico dos códices da Coleção Lamego nos foi possível conhecer mais detalhadamente alguns de seus manuscritos, quanto ao aspecto de seu conteúdo ou ainda quanto à forma paleográfica em si.

A Coleção Lamego compõe-se não só destes códices, mas também de obras raras, periódicos selecionados e opúsculos dos quais muitos desconhecidos dos bibliógrafos. Este acervo encontra-se depositado no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo desde 1968 em função de decisão tomada pela Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras por ocasião da criação do próprio Instituto, em 1962. Tal acervo foi adquirido pelo governo do Estado de São Paulo pela importância de 200:000\$000 (duzentos contos de réis) e doada à recém-fundada Universidade de São Paulo — criada em 1934, após ter sido avaliada por uma comissão constituída por Rodolfo Garcia, Max Fleiuss e Mário Behring. Seu antigo proprietário, que durante quatorze anos esteve ausente de sua pátria, comprou grande parte de seus livros e manuscritos nesta sua estada na Europa. Viveu na França, na Bélgica e em Portugal. Participou de leilões de livros, vasculhou arquivos, mandando fazer cópias daquilo que pudesse lhe interessar. Comprou autógrafos e obras que pudessem satisfazer a sua ânsia de se aprofundar nos estudos históricos.

Incorporada à Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em 1935 foi a coleção catalogada segundo os ditames da época. Foram então tombados 4.000 títulos — pelo menos era este o número que constava dos volumes de tombo entregues ao Instituto de Estudos Brasileiros por ocasião da transferência da Biblioteca Central para este Instituto —, os manuscritos se incluem neste cômputo geral. Eles se encontram encadernados em 154 volumes com 4.062 documentos. Não é improvável que um volume de tombo posterior possa ser localizado, aumentando assim o número de títulos que fariam parte desse acervo.

Os documentos datam dos séculos XVI ao XX. Predominam os códices referentes à Companhia de Jesus não só em relação ao Brasil como a outras partes do mundo. Seu cole-

cionador deu especial destaque aos documentos referentes ao Estado do Rio de Janeiro e em particular, a Campos, cidade fluminense onde viveu por muitos anos e onde veio a falecer em 1951. Um grande número, no entanto, desses manuscritos, assim como as obras impressas não têm relação alguma com o Brasil, contradizendo frontalmente o que consta do *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras* (São Paulo, 1937, p. 235): “Essa notável coleção de livros e documentos refere-se, na sua *quase totalidade* /o grifo é nosso/, exclusivamente à História do Brasil e é considerada uma das mais completas.”

Muitos dos códices são cópias de documentos emanados das repartições portuguesas e ligados diretamente à história de Portugal. Outros referem-se às Missões Africanas e ao Oriente. Mas os códices que trazem assuntos brasileiros não deixam de ter interesse para a história do Brasil. Assim, temos o códice 28 (n.º 928 a 947 do *Inventário*) que se compõe de documentos referentes à capitania de Minas Gerais, antes, durante e depois da Conjuração Mineira. Ou o códice 63 (n.ºs 1978 a 2051) quase totalmente dedicado aos holandeses no Brasil. Certamente, um exame mais pormenorizado ainda descortinaria alguns manuscritos valiosos e dignos de serem transcritos e publicados devido a sua originalidade.

Indiscutível, no entanto, é a importância desse acervo, aliado aos outros, também existentes no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, que se complementam entre si. Com a publicação do *Inventário analítico dos manuscritos de Coleção Lamego* entrega-se ao pesquisador um rico manancial de fontes para se trabalhar sobre elas.

É uma pena que as autoras não apresentassem uma explicação na qual exprimissem os critérios adotados. O que pudemos observar a este respeito, através do material do catálogo é que elas, com paciente labor, ficharam cada um desses manuscritos contidos nos 154 códices, respeitando a numeração feita pelo seu antigo possuidor, Dr. Alberto Lamego. Procuraram fazer a leitura dos documentos auxiliadas por tradutores quando necessário —, apresentando os pontos mais importantes de cada manuscrito a fim de identificar mais claramente o seu conteúdo. Quando possível, indicaram autor, data e local da elaboração do documento. Registraram quando se tratava de cópia ou original.

Não informaram, contudo, o porquê da inclusão, num inventário de manuscritos, de impressos entre os mesmos. Se não deram uma explicação geral de início, deveriam ter feito uma nota no item em apreço.

Ao elaborarem o índice analítico, entregaram ao consulente a “chave” necessária que viria facilitar a consulta de tão rico acervo, já que a maioria não iria ter a paciência de ler cada entrada. Penso, no entanto, que deveriam ter sido mais explícitas. Assim, temos por exemplo a entrada “embarcações” com uma vasta relação de números. Não teria sido mais fácil especificar ou detalhar mais esta referência? Como, por exemplo: quais os tipos de embarcações; ou então, ligá-los a um outro assunto específico. Fica-se, sem saber como proceder, pois convenhamos, é desanimador tomar item por item para verificar se algum interessa. Teria sido suficiente, às vezes, uma subdivisão de “navegação fluvial — embarcações” ou então “embarcações de calado ou de longo curso”. E assim temos vários outros casos, sem mencionar entradas remissivas de um assunto para outro.

Apesar desses pequenos senões, no entanto, trata-se de trabalho extremamente valioso. Suas organizadoras, que fazem parte do corpo de pesquisadores do Instituto de Estudos Bra-

sileiros — Setor História do Brasil — trabalharam durante longos anos, com algumas interrupções, na elaboração deste catálogo. São especialistas em sua área específica.

E o próprio Instituto está de parabéns por mais esta publicação — a de número 32 —, cumprindo assim, a sua finalidade de estar a serviço do estudo e da pesquisa. Oxalá que a atual e futuras direções desta instituição prossigam neste caminho, divulgando e trazendo ao conhecimento dos interessados o seu rico e importante acervo.

Rosemarie Erika Horch.

TERRA, Ruth Brito Lêmos — *Memórias de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930)*. São Paulo, Global Ed., 1983, 190 págs., facs. (Teses, 13).

Hesitamos muito em resenhar este trabalho. De um lado, por sentirmos muito limitada nossa capacidade de comentarista frente a um estudo tão rico em informes, mas focado em uma especialidade que não é a nossa. De outro, pelos laços de amizade que nos prendem à A., o que poderia tornar suspeita qualquer expressão mais elogiosa. Mesmo consciente de nossas limitações, resolvemos cumprir a missão, procurando ser a mais objetiva possível.

Da mesma forma como há escritos que por sua própria natureza e conteúdo estão fadados a ter uma vida efêmera, outros há que nasceram para ficar. Dentre estes, sem dúvida, enquadra-se o presente trabalho que a editora Global houve por bem publicar.

A A., portadora de acurado espírito de pesquisa e de crítica, conseguiu imprimir ao seu estudo — com rara mestria — tanto solidez quanto sobriedade, o que o torna resistente às marés mais adversas.

Memórias de lutas não só tem a solidez de uma construção feita para durar como, cremos, marcará o início de uma nova etapa nos estudos do gênero pelas inovações de método e de abordagem que apresenta.

Não é fácil classificá-lo, pois tanto pode interessar ao estudioso de nossa literatura, como ao historiador, ao sociólogo, ao antropólogo ou ao investigador de nossa cultura popular. Na verdade é uma pesquisa que não pertence a nenhuma dessas áreas de estudo em particular, mas se constitui num patrimônio comum a todas elas.

Para o público em geral a alusão a folhetos de cordel muitas vezes estimula a fantasia, na medida em que, não suficientemente conhecidos, despertam a curiosidade do leitor mas, com freqüência, envolto num clima de lenda e mistério. O que, de certa forma, se explica pelo fato de nos folhetos “os feitos de valentes, homens e animais, sempre serem evocados pelos cantadores de maneira privilegiada”.

Dentre os aspectos positivos da presente publicação há o de esclarecimento do leitor pois, numa linguagem clara e acessível, Ruth Terra faz um estudo minucioso dos folhetos, abrangendo desde o ambiente em que foram produzidos até sua publicação e posterior difusão.

A partir da análise de aproximadamente trezentos poemas publicados entre 1904 e 1930, numa primeira parte de seu livro a A. analisa o folheto quanto à sua produção, comercialização, tiragem, preço e público.

Em seguida passa à apresentação de alguns poetas representativos do período, a saber: Leandro Gomes de Barros, Chagas Batista, João Martins de Athayde, João Melchíades e